

TENSÃO E RESISTÊNCIA VIA PICHACÕES - A reação a “Lula livre” e “Lula pela democracia”

Ursula Betina Diesel¹

Resumo

Pichações são formas de expressão de resistência próprias da dinâmica urbana. Sua semiose envolve elementos espaço-temporais das cidades, da concentração das problemáticas humanas. São vivências que refletem e provocam tensões. A prisão do ex-presidente Lula - em sete de abril de 2018 - teve como uma das repercussões muitas pichações, especialmente chamando “Lula livre” e “Lula pela democracia”. Imediatamente plataformas midiáticas fizeram referências às pichações como ataques ao patrimônio e à democracia. Não houve contextualização das ações enquanto reação a um processo mal conduzido e prisão política. Nessa relação, os objetivos aqui são observar o papel da pichação em cenários sócio-comunicacionais a partir da atenção dada por plataformas midiáticas a pichações relacionadas à prisão de Lula; destacar a inversão que se apresenta nas plataformas midiáticas, onde a vivência da democracia é apresentada como vítima das pichações; e, então, pensar sobre a relação entre a vida em sociedade e as pichações, o que valoriza seu aspecto de reação a uma tensão, logo, resistência. Tal percurso tem como base a observação de dispositivos midiáticos que procuram configurar a percepção da sociedade, de seus destaques em relação à temática da pichação, de comentários postados quanto a essas menções. Procurou-se, a partir do olhar de matriz peirceana - em que pensar é fazer semiótica - valorizar a relação e a tensão, e compreender mais fortemente a importância dos aspectos sociais na semiose, trazendo, para tanto, um pouco da visão latino-americana de Echeverría, que situa o ser humano como sujeito de transformação.

Palavras-chave:

pichação; tensão; semiose.

¹ Doutoranda em Comunicação Social - PPG-UnB, Linha Teorias e Tecnologias da Comunicação; Docente no UniCEUB. ursuladiesel@gmail.com

Abstract

Graffiti are forms of resistance expression typical of urban dynamics. Its semiosis involves space-time elements of cities, the concentration of human problems. These are experiences that reflect and provoke tensions. The arrest of former President Lula - on April 7, 2018 - had as one of the repercussions many graffiti, especially calling "Free Lula" and "Lula for Democracy". Immediately media platforms made references to these graffiti as attacks on heritage and democracy. There was no contextualization of actions as a reaction to a misdirected process and political imprisonment. Therefore, the objectives here are to observe the role of graffiti in socio-communicational scenarios from the attention given by media platforms to graffiti related to Lula's arrest; to highlight the inversion that appears in the media platforms, where the experience of democracy is presented as a victim of the graffiti; and, then, think about the relationship between life in society and graffiti, which values its aspect of reaction to a tension, then resistance. This route is based on the observation of media devices that seek to configure the perception of society, its highlights in relation to the graffiti theme, of comments posted on these mentions. It was sought, from the peirceana matrix look - in which to think is to make semiotics - to value the relation and the tension, and to understand more strongly the importance of the social aspects in the semiosis, bringing, therefore, a little of the Latin American vision of Echeverría, which places the human being as subject of transformation.

Keywords:

graffiti; tension; semiosis.

Pichações

Elas não são novidade. Porém, o fato de um acontecimento de ampla repercussão provocar imediatamente várias pichações similares entre si chama a atenção e traz à tona o quanto são uma forma de expressão, o quanto faltam espaços para manifestar-se, o quanto constituem um recurso de resistência e dissonância frente ao que está homogeneizado a nosso dispor. Por outro lado, o fato de várias pichações

ganharem visibilidade em plataforma de notícias em um contexto determinado indica não uma reflexão sobre o gesto pichador em si mas um aproveitamento deste, em recorte temporal específico, e a centralização no conteúdo manifesto nas pichações para explorar a noção de ameaça que cidadãos que assim se manifestam representam. Assim, torna-se possível associar a classificação de vândalos pichadores aos questionadores da prisão de Lula.

Importante lembrar que pichações são uma interferência, uma tentativa de ação comunicacional que expressa a busca pela visibilidade da fala (logo, da existência) via o incômodo. Como diz Pedro Russi,

El grafiti, como intervención, es una propuesta de comunicación, es decir, de relaciones sociales semióticas, al establecerse en la interacción con los signos. Todos estos movimientos constituyen una cultura, por lo tanto, significaciones de ser y estar en algún espacio que nos presenta y representa. (2015, p. 21)

Como pressuposto, então, a pichação resgata a comunicação enquanto ato político, de disputa, de poder, de ação sobre o outro. Por isso mesmo é domesticada, reprimida, classificada como sujeira e não como expressão do que ocorre na sociedade, pois não se quer que isso seja percebido e exercido. A cultura da modernidade (como situa Echeverría, 1994) e do consumo necessita que impere a comunicação vazia, centrada na esfera do entretenimento, entrópica, não dialógica. Entretanto, o próprio viver urbano favorece a percepção da coletividade, da interdependência, da interação. E é da vivência da dinâmica da urbe que emerge o gesto pichador. Mas por que essa forma de comunicar é praticada?

Parece-nos que a singularidade que caracteriza as pichações é que elas mantêm forte caráter indicial, valorizando o estranhamento, o simples acesso ao antes elaborado, mas sem simular, ainda, o encontro com a recepção. Procuram, por sua natureza, conservar o status do aberto, do enigmático, do provocador. Não simulam, atacam. Atuam no eixo do singular, não do repetido, do afirmativo. Requerem pertencimento espaço-temporal, isto é, contextualização. Remetem às vivências.

O corpus

Durante quatro dias consecutivos, a partir da prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, em sete de abril de 2018, plataformas midiáticas deram visibilidade a pichações feitas reivindicando “Lula livre” e “Lula pela democracia”, que ganharam noticiabilidade como ataque ao patrimônio e à democracia.

Ressalte-se que os espaços “atacados” e o conteúdo nelas exposto foram nucleares para chamar a atenção aos atos comunicacionais. Cronologicamente, foram noticiadas as seguintes pichações: em sete de abril foram pichados dois prédios da Justiça Federal na cidade do Rio de Janeiro e o prédio em que a ministra Carmem Lúcia tem um apartamento em Belo Horizonte.

PF investiga autoria de pichações em dois prédios da Justiça Federal no Rio



Fonte: G1 - Edição do dia 07/04/2018 (22h21)

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/pf-investiga-autoria-de-pichacoes-em-dois-predios-da-justica-federal-no-rio.html>

Após pichação, grupo limpa prédio de Carmen Lúcia em BH



Fonte: G1 - Edição do dia 07/04/2018 (17h52)

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/apos-pichacao-grupo-limpa-predio-de-carmen-lucia-em-bh.ghtml>

Em nove de abril, em Foz do Iguaçu, foram pichadas fachadas comerciais.

ACIFI emite nota de repúdio à pichações e pede investigação policial.



Fonte: Portal da Cidade (Foz do Iguaçu) - Josué Calebe - 9 de Abril de 2018

<https://www.radioculturafoz.com.br/2018/04/09/acifi-emite-nota-de-repudio-a-pichacoes-e-pede-investigacao-policial/>

No dia dez, foi registrada queixa contra pichações no prédio do Fórum de Dourados.

Judiciário registra queixa contra pichação no prédio do Fórum de Dourados



Fonte: Dourados Agora - 10/04/2018 06h46 - Por: Valéria Araújo

<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/sul-e-leste/noticia/forum-de-dourados-ms-e-pichado-com-tinta-vermelha.ghtml>

E, em onze de abril, foi noticiada a pichação em um muro de igreja em Montes Claros.

Cinco pessoas são detidas por pichar muro de igreja em Montes Claros. Grupo escreveu mensagem em apoio ao ex-presidente



Fonte: Por G1 Grande Minas 11/04/2018 07h40 - (Polícia Militar/Divulgação)

<https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/cinco-pessoas-sao-detidas-por-pichar-muro-de-igreja-em-montes-claros.ghtml>

Além disso, vale lembrar da cobertura televisiva da prisão de Lula, em que, ao transmitirem imagens (ao vivo) do avião que transportava o ex-presidente para a prisão, a legenda da GloboNews falava das pichações feitas em prédios públicos no Rio de Janeiro, referindo inclusive nomes e idade dos dois detidos pelo ato e denominando-o de vandalismo.

<https://www.youtube.com/watch?v=io8KyU52nHk>

Mesmo nessas poucas menções citadas, percebe-se que há uma valorização da referência às pichações como uma ação contra a prisão, diferente do cotidiano comum, em que pouco ou nada se menciona na imprensa sobre pichações. Em outros momentos,

a pichação é problematizada como invasora da dinâmica urbana, como sujeira, disputa territorial, mas raramente vira notícia. E aqui evidencia-se sua expressão e força comunicativa quando não aparece isolada, ou seja, quando aparece contextualizada.

A pichação como vivência urbana

Percebe-se aqui as pichações como atos que interferem, modificam, transformam o lugar e o tempo. Demarcam-nos, mas não como simples marcas, registros, porém como traços de vivências, contextualizadas em experiências compartilhadas no coletivo. São motivadas e motivadoras. A pichação parece configurar uma forma de resistência urbana a um sistema dominante. Revela a tensão resultante da falta de espaço para dizer. Constitui-se como forma de expressão alternativa, propondo, a partir de seus suportes e ação, a comunicação como transformação e não como transferência.

O cotidiano urbano imerso na lógica do consumo assimila interferências espaço-temporais, desde que sejam consonantes, apaziguadoras dos ânimos. Na paisagem urbana (FERRARA, 2008), naturalizamos imensos edifícios, *outdoors*, placas, viadutos, monumentos, embora também constituam intervenções no espaço e no tempo de vivência da urbe. Especialmente a publicidade, tão invasiva, efêmera e poluidora visual parece causar muita interferência e, por vezes, grande incômodo, inclusive impedindo a boa visibilidade necessária à atenção no trânsito. Ainda assim, a assimilamos com naturalidade.

Laura Corrêa, em seu texto “Pixo, arte de rua, publicidade: entre tensão, apropriação e resistência”, pontua que nas cidades se torna concretamente evidente que grandes corporações “comandam a economia global.” E mesmo em tempos de crise,

as marcas do capital têm interferido fortemente na experiência dos indivíduos nas cidades”, pois “as construções discursivas permitidas nas ruas são a fala de grandes empresas ou de instituições governamentais, isto é, os atores que podem dispor (como detentores, anunciantes ou patrocinadores) da visibilidade nos espaços urbanos. (CORRÊA. In: CASTRO et al (orgs.), 2014, p. 168)

Pichações também fazem parte da ambiência urbana, mas não são aceitas com a mesma naturalidade, são marginalizadas, são transgressoras. Atuam contra a lógica

instituída como normal. Aí é que está sua potência, sua força transformadora, seu perigo, já que supõem “[...] un acto urbano por medio del cual los sujetos se enfrentan.”(RUSSI, 2015, p. 41)

Deste modo, pode-se perceber o potencial comunicativo nas pichações na direção de um exercício estratégico de poder, para superar o entorpecimento das relações entre os sujeitos. Entorpecimento que se evidencia como força a ser combatida via pichações, quando Armando Silva (2006) condiciona

la comunicación graffiti a una experiencia contextual y coyuntural que se hace y deshace al ritmo de las contradicciones y los conflictos sociales y políticos de las distintas urbes. [...] lo que lo constituye como un tipo de escritura perversa que dice lo que no puede decir y que, precisamente, en este juego de decir lo no permitido se legitima.

Logo, a partir das pichações vislumbra-se o estímulo a uma força interpretativa, “un tipo de acción ciudadana, no necesariamente consciente en los distintos ciudadanos cooperantes, que actúa desde diferentes medios sobre la percepción social y es dirigida contra la institucionalidad dominante.” (SILVA, 2006)

O jogo se instaura a partir da tensão, para além da dicotomia positivo x negativo, aqui compreendida a partir de Lotman (1996), como dispositivo gerador de ressignificações, como fronteira de contato entre diferentes sentidos. A tensão é constituidora de relações, logo, é condição para a semiose. O “e se...?” do raciocínio abduativo, mobilizador de novas compreensões, de outras dinâmicas (PEIRCE, 2000). Constitui, portanto, elemento nuclear para que a comunicação ocorra na direção da resistência ao colonialismo (RIVERA, 2015) ou, como diz Echeverría (2011), aos mecanismos de domesticação característicos da episteme capitalista.

Um contexto para descontextualizar as pichações

As pichações dirigem-se a desconhecidos, qualquer indivíduo que participe da dinâmica daquele espaço. Também carregam fortemente em si a noção temporal, do momentâneo e único. Atuam a partir do eixo da diferenciação, e não da repetição. Dissonam da confirmação que se delinea a partir da distribuição massiva, numérica.

Conectam-se com o espaço, o local, convertendo-o em lugar, pela demarcação do fazer comunicativo. O espaço estabelecerá o elo entre emissores e receptores, que não necessitam estar em relação no mesmo momento, mas podem. A estética das pichações cumpre importante papel nesse sentido. Mas é o intervir em si que ativa toda essa dinâmica.

Ao observar as matérias que divulgaram as pichações anteriormente aqui expostas, como *corpus*, é evidente a descontextualização de tais manifestações e do que aparece como seu conteúdo. Nas referidas matérias jornalísticas, não se menciona qualquer dúvida sobre a prisão de Luís Inácio Lula da Silva, considerada política por muitos, nem o questionamento a ela feito até mesmo em nível internacional ou, ainda, o descontentamento de grande parcela da população. Noções como crime e vandalismo são repetidas insistentemente e associadas aos acontecimentos atribuindo às pichações o ataque à democracia e não o inverso. Mesmo em nível de senso comum, democracia é uma noção relacionada à livre expressão de diferentes opiniões, ao direito de manifestar-se. Logo, quando boa parcela da população não compreende um ato alardeado como positivo, é compreensível que cidadãos busquem formas de manifestar-se, exercendo, portanto, seu direito de comunicar esse estranhamento e, até, sua discordância.

El ser humano sería un animal político porque, a diferencia de los demás animales, debe tenerse a sí mismo como objeto de transformación, porque está obligado a autorealizarse, a configurarse a sí mismo, a elegir entre distintas posibilidades la forma de ciudad concreta, de polis, de comunidad identificada, que van a tener las relaciones sociales que posibilitan su existencia. (ECHEVERRÍA, 2011, p. 2)

Nesse sentido, ao observar, mesmo superficialmente², o que foi dito sobre as pichações nas referidas matérias, evidencia-se a condenação imediata do gesto de pichar e o uso dessas referências para agregar àqueles que questionam a prisão de Lula a classificação de vândalos e criminosos.

²Não se fará uma análise ou uma categorização das expressões, como se em uma análise de conteúdo. Aqui apenas se está destacando sinalizadores da carga de sentido atribuída às pichações.

O contexto dos acontecimentos geradores das pichações é usado para imprimir uma valorização maior de tais atos como um problema, como uma agressão que deve ser temida e rejeitada pela sociedade; porém, por outro lado, não há, nas matérias divulgadas, nenhuma informação que contextualize o processo da prisão, ou seja, o processo gerador das pichações. É bastante evidente que se trata o signo pichação como gerador de consequências e não como, também, fruto de dinâmicas que o antecedem.

Na matéria do G1, sobre as pichações identificadas após o ato por “Lula Livre”, no Rio, lê-se: “PF investiga autoria de pichações em dois prédios da Justiça Federal no Rio - Vândalos escreveram 'Lula livre' e 'Lula pela democracia'. Entidades ligadas à Justiça manifestaram indignação com os ataques”, e destacamos, no texto subsequente, as seguintes expressões relacionadas às pichações:

[...] investigando quem são os autores das pichações em dois prédios da Justiça Federal. [...] O prédio, um patrimônio da arquitetura nacional, foi alvo do ataque que deixou manchas pretas, brancas e vermelhas na fachada. Os responsáveis pelo vandalismo escreveram “Lula livre” e “Lula pela democracia”. [...] marcas de pichações. [...] imediate apuração do crime. Declarou que tais atos ofendem claramente a dignidade da Justiça Federal e podem ser considerados uma tentativa de intimidação. [...] exigiu a imediate identificação e punição exemplar dos autores. (grifos nossos)

Logo depois de essa notícia ter sido postada pelo Jornal Nacional no Facebook, apareceu o seguinte comentário: “Nossa, muito mais importante descobrir os terroristas que picharam do que quem derrubou o avião do Teori Zavascki, quem matou Marielle, o cidadão de bem que ofertou carinhosamente projétil de arma de fogo no ônibus da caravana de Lula...” (grifos nossos). O tom irônico é evidente na mensagem, que menospreza a gravidade atribuída às pichações em detrimento de tantos outros crimes reais e que não mereceram o mesmo tom de gravidade. Na verdade, no que foi observado, este é o único caso em que é postado primeiro um comentário criticando a matéria divulgada. Após esse comentário, há vários outros, cerca de 40, mas giram em torno do debate sobre a prisão de corruptos, desconsiderando o ato de pichar.

Voltando ao que é dito na matéria, são ainda referidas as pichações feitas contra o prédio onde a ministra do STF Carmen Lúcia tem um apartamento. Quanto a tal trecho, destacamos:

[...] na hora do ataque, e que a ministra não iria comentar o vandalismo. [...] Dois homens foram presos na noite de sexta-feira, suspeitos de terem participado dos ataques. [...] atos de vandalismo como este [...] infração penal de pichação e foram liberados. [...]os dois são militantes do MST, que estavam no protesto, mas que não são os responsáveis pelo vandalismo. [...] O PT afirmou que o partido não organizou, não dirigiu, não reconhece e nem apoia atos de vandalismo. (grifos nossos)

Sobre o ato contra o prédio em que Carmen Lúcia tem um imóvel, foram feitos dois comentários:

(1) Vejam como são vingativos e perigosos esses petralhas vermelhos! Felizmente ainda existem pessoas descentes no mundo e os grupos Movimento Brasil Livre (MBL) e do Vem Pra Rua fizeram um multirão para limpar o prédio. O dano foi enorme pois essa tinta vermelha não sai fácil. Isso é o que o PT prega para o Brasil: Desrespeito a propriedade privada e guerra de classes!"; (2) "Não respeitam ninguém, nunca respeitaram. (grafia no original; grifos nossos)

As demais matérias e comentários mantêm a mesma dinâmica. As pichações são sempre nomeadas como vandalismo, crime, sujeira, ataque ao patrimônio e à democracia. Chamam a atenção os comentários postados em reação às divulgações, especialmente em veículos regionais ou locais, como no caso de Montes Claros, abaixo. A agressividade expressa nas frases postadas é marcante.

1- Mandem eles ressarcirem o prejuízo causado, e de sobremesa, mandem limpar a cagada que fizeram. Simples assim. 2 - pinchador geralmente representa uma gang, gang não aceita traidores lula é traidor da pátria então quem pinchou é vândalo terrorista traído que não representa nada que presta 3 - Cuidado gente, nós agora vivemos

sob repressão! Tem que tomar cuidado. Não podem se manifestar livremente contra os repressores. Cuidado! 4 - TEM QUE MANDAR ESSES LIXOS PARA CASA DO INFERNO ESSES RATOS ESTAO COMEÇANDO APARECER TEM QUE METER BALA NESSES LIXOS 5 - Das coisas mais tristes - e que atestam a falência de qualquer pacto civilizatório - é quando os comentários sobre um ato de pichação exacerbam mais agressividade e ignorância do que o ato sobre o qual falam. Nesses mal redigidos comentários, pode-se ler de tudo: desde pedido a decepção das mãos a "morte aos comunistas". Não percebem a violência nesses discursos? Cabe pensar: quem são esses que pedem para "limpar com a língua", "cortar a mão"? Essas pessoas tem espelho em casa? Qual é o freio de quem grita esses horrores impunemente nos comentários? 6 - Não vejo problema de pintar se foi numa Igreja Católica. A CNBB sempre apoiou as canalhices da corja de vermelho e os "don" isso e "don" aquilo sempre aparecem em depoimentos para defendê-la. Ainda no último sábado um padreco safado transformou a missa num ato de carnaval da esquerda levando-a para um trem elétrico no qual o futuro presidiário gozava a cara das autoridades, e a nossa, totalmente bêbado. Portanto, tudo bem ! 7 - Tudo vira baderna por causa da impunidade, pichação é uma sujeira da pior espécie, deveria haver mais rigor na punição, além de obrigar os vagabundos a limpar com os recursos próprios, deixar igual ou melhor. Tenho raiva dessa raça. 8 - Pichou, manda limpar com o Thoba e corta uma das mãos, pronto. Acabou-se os pichadores. 9 - Acho gozado porque nunca vi uma notícia sobre pichador sendo preso, mas agora que tem Lula no meio vira esse frisson. Newton Cardoso chegou a pagar uma molecada pra pichar frases contra Itamar Franco por BH afora uma vez, com palavrões e tudo, e ninguém falou um A sequer. Toda a roceirada de cabecinha baixa em silêncio. Como é interessante ver essa dedicação toda em cima das coisas relacionadas a Lula, que pena que na imprensa não tem homem pra ir atrás de cachorro grande, ficam só batendo em cavalo morto. (grafia original; grifos nossos)

Um dos comentários acima sintetiza o que aqui temos afirmado: “Acho gozado porque nunca vi uma notícia sobre pichador sendo preso, mas agora que tem Lula no meio vira esse frisson.” Pode-se deduzir, a partir disso, que se aproveita o acontecimento pichação como um gesto negativo a associar aos questionadores do processo de prisão em pauta. E, novamente, não como fruto desse questionamento (que não é referido nas matérias) mas como consequência da existência de tais cidadãos dissonantes daquilo que a narrativa midiática-judiciária construiu e propaga. Assim, divulga-se a rejeição a tal perfil cidadão.

Insistimos, nesta observação, na percepção de que se faz referência a algo comum no cotidiano urbano – as pichações – que, porém, agora merece destaque noticioso como sinalização da ameaça que representam aqueles que discordam do processo que culminou na prisão do ex-presidente Lula. Ocorre o aproveitamento desse contexto - a prisão – mas com uma descontextualização do que são as pichações: uma reação, manifestação, uma discordância. Apesar de, no momento, estarem claramente contextualizadas, são descontextualizadas enquanto gesto, fruto dos acontecimentos anteriores. A descontextualização configura, assim, um importante recurso de esvaziamento do caráter comunicacional e de transformação que caracteriza as pichações em detrimento da valorização do ato de invadir propriedades, sujar paredes e muros, vandalizar, como se fossem uma ação de agressão gratuita.

Pichação: simples exposição ou comunicação para transformação?

Importante lembrar que a pichação é feita em espaço público, na rua. E Eliseo Veròn (2014) lembra da característica semiótica própria da rua, enquanto espaço público, aberto e urbano, em contraposição a espaços fechados de condomínios e, por outro lado, abertos da natureza. Para ele, a rua “religa, representa e é ela mesma um objeto permanente de representações. Como espaço público, ela é um lugar de exposições, de encontros, de negociações e de transações.” (In: CASTRO et al (orgs.), 2014, p. 15). Pode-se considerar, então, que é um espaço-ponte, que potencializa a noção do entre, do suspenso, do algo que está por se definir.

As ruas compõem a cidade, que, por sua vez, pode ser compreendida como um complexo sistema comunicativo (FERRARA, 2008). Dentro desse sistema, pichadores usam uma opção alternativa, que incomoda e que requer a presença dos diferentes

sujeitos participantes da enunciação – tanto enunciadores quanto enunciatários, que deverão situar-se espacialmente próximos mas não necessariamente no mesmo momento. O aspecto do próprio ato da presença deve ser analisado como constituinte das estéticas das manifestações visuais urbanas, as quais podem ser caracterizadas como índice de existência, de participação, de pensamento, ou seja, como “provocação de uma experiência que pode ser denominada como estética.” (RUSSI, 2013, p. 45-46)

Não se deve, porém, tomar a noção de estético, aqui, como algo superficial. Ao observarmos as pichações como uma ação, percebe-se que “tales intervenciones no son simplemente elementos estéticos em sí mismos, sino operadores de sentido del ser-estar en la ciudad” (RUSSI, 2015, p. 74) e, assim, “producen alteraciones em todo el entorno (sujeto, soporte, espacio) por la mediación del signo.” (RUSSI, 2015, p. 128)

Tal caráter de ação dessas mensagens pela cidade lembra a compreensão de Austin (1990), a partir da qual parece lógico que se trata de ações do tipo quando fazer é dizer. Já sua etapa de produção é comunicadora por essência, ocupando espaços, interferindo na dinâmica urbana, interceptando transeuntes. Conforme Russi (2013), o próprio suporte parede/muro é fruto do fazer humano e já significa desde então. Paredes e muros guardam em si, em perspectiva histórica, a problemática delimitadora e de contenção da manifestação humana em sua vivência no coletivo. Ou seja, as pichações aparecem, primeiro, como reação a essa superfície divisória, separadora, opressora (RUSSI, 2015). Tais suportes são, então, ressignificados a cada momento e em toda intervenção que suportam. Demarcando a urbe, uma vez manifestas, as pichações evidenciam já a noção de ação coletiva, a semiose.

Novamente, destacamos que as construções discursivas permitidas nas ruas são aquelas que defendem a lógica vigente, de consumo, de entretenimento, de não estranhamento, de não questionamento, de não diálogo, de não troca, de não coletividade mas sim de individualismo e imediatismo. São permitidas porque coerentes com a cultura da modernidade (ECHEVERRÍA, 1994). Estão no cerne, não à margem. Uma pichação, mesmo que diga mensagens bonitas, apaziguadoras, ainda assim manifesta o estar na rua, o falar em público, o não desejado, que não deve ser estimulado. A representação da pichação como resistência não aparece. Ela configura, então, a subversão da ordem.

Pode-se concluir observando que as pichações representam gritos de presença e habitação, e podem ser percebidas como expressão poética ou militante já que possuem no seu âmago a provocação, o despertar nos passantes a reflexão sobre sua atuação no círculo social em que vivem. Entretanto a comunicação feita sobre elas, em formatos noticiosos e em sua repercussão na forma de comentários, as descontextualiza enquanto reação a percursos anteriores da sociedade e recorta o ato pichador no âmbito de uma ação geradora de consequências e não fruto dos processos sociais. Logo, mantém na abordagem sobre as pichações o entendimento da comunicação como transmissão, descartando a possibilidade de que se possa comunicar como reação a e ação na direção de algo, ou seja, na perspectiva de transformar a realidade.

Nas matérias e comentários observados, torna-se evidente que a democracia não é identificada na ação de pichar, isto é, na manifestação do pensamento e na tentativa de interferir nos acontecimentos. A democracia estaria no respeito às decisões de instâncias oficiais, como o sistema jurídico, e, portanto, na não dissonância em relação ao que é propagado como correto.

Parece-nos que a negação das pichações como expressão social procura anular sua potência comunicacional. Reafirmamos que o processo de mediação estruturado via pichações se configura por representações compartilhadas socialmente; logo, comunicação. São recortes disponibilizados à vivência. Requerem conexão, encontros. Um sistema comunicativo. Um sistema que inclui. Uma semiose.

[...] el grafiti irrumpe lo “habitual”, transformando lo que es homogéneo en diferente, eso es una experiencia semiótica (semiosis), la intervención es interacción y se da en la forma de acción que deforma, modifica y altera, produciendo así nuevos significados por la relación signo-objeto-interpretante. (RUSSI, 2015, p. 42)

Assim, ao compreendermos a pichação como signo lembramos, a partir de Peirce, que ““la función esencial de un signo es hacer eficaces las relaciones que no son eficaces... El conocimiento es lo que las vuelve eficaces; y conocer un signo equivale a ampliar nuestro conocimiento” (CP 8.332, 1904)”. (RUSSI, 2015, p. 18)

Referências

- AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CORREA, Laura G. **Pixo, arte de rua, publicidade: entre tensão, apropriação e resistência**. In: CASTRO, P. C., FAUSTO NETO A., HEBERLÊ, A. et al (orgs.) **A rua no século XXI – materialidade urbana e virtualidade cibernética**. Maceió – AL: EDUFAL, 2014.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. El ethos barroco. In: **Modernidad, mestizaje cultural, ethos barroco**. México: UNAM/El Equilibrista, 1994.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. **Cultura y Barbarie**. Presentado en el Coloquio: Cultura contra Barbarie, en la Mesa: Cultura, Identidad y Política. México: UNAM, 2011.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Meio, mídia e mediação**. Matrizes. Nº 2. Abril 2008.
- LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Universitat de València: Frónesis, 1996. 174 p. Seleção e tradução do russo por Desiderio Navarro. Disponível em: <[http://culturaspopulares.org/populares/documentosdiplomado/I_Lotman_Semiosfera I.pdf](http://culturaspopulares.org/populares/documentosdiplomado/I_Lotman_Semiosfera_I.pdf)>
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- RIVERA, Silvia. **Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina**. Ensayos. 1ª ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- RUSSI, Pedro (org.). **Processos Semióticos em Comunicação**. Brasília - DF: Editora UnB, 2013.
- RUSSI, Pedro. **Grafitis – Trazos de imaginación y espacios de encuentros**. Barcelona: Editorial UOC, 2015.
- SILVA, Armando. **El grafiti como parte de los imaginarios urbanos**. Recuperado de www.alonsogil.com/textos-articulos-3/Armando-silva-el-graffiti-como-parte-de-los-imaginarios-urbanos, 2006.
- VERON, Eliseo. In: CASTRO, P. C., FAUSTO NETO A., HEBERLÊ, A. et al (orgs.) **A rua no século XXI – materialidade urbana e virtualidade cibernética**. Maceió – AL: EDUFAL, 2014.